

Relato de experiência: reflexão sobre docência a partir do estágio supervisionado em Geografia no IF Baiano

Experience report: reflection about teaching from the supervised internship in Geography at IF Baiano

Relato de experiencia: reflexión sobre la docencia desde la práctica supervisada en Geografía en el IF Baiano

Michely da Silva Felix¹
Adrielle dos Santos Oliveira²
Aline dos Santos Lima³

Resumo: O Estágio Supervisionado nos cursos de formação de professores é um ato educativo caracterizado pela imersão dos licenciandos no “chão” da escola com vistas a complementação da aprendizagem. O presente trabalho tem como objetivo relatar tal experiência sob a perspectiva dos desafios que são vivenciados por professores de Geografia nas séries finais do ensino fundamental no Colégio Municipal de Cravolândia a partir do olhar de licenciandas do Instituto Federal Baiano. Para a realização do estudo, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: a) discussão de textos problematizados ao longo do Curso de Geografia, especialmente no componente Estágio – Freire (1997; 2021), Pimenta e Lima (2004), Rangel (2007) e Cavalcanti (2010) –, assim como documentos que caracterizam o ensino fundamental (Brasil, 1996) e o estágio (IF Baiano, 2017; 2023); b) levantamento de dados secundários sobre a educação em Cravolândia a partir da SEC-BA (2021) e CMC (2023); c) trabalho de campo a partir da imersão no Colégio pesquisado. O estágio, enquanto espaço de pesquisa e de extensão, evidencia, com base nas experiências compartilhadas, alguns dos desafios identificados na prática docente, tais como: falta de acesso de recursos por parte dos docentes; carga horária extensa; falta de suporte para com ANEE; dissociação da Geografia com a realidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Geografia. Experiência. Desafios.

Abstract: The Supervised Internship in teacher formation courses is an educational act characterized by the immersion of graduates in the “ground” of the school with the aim of complementing their learning. The present work report this experience from the perspective of the challenges that are experienced by Geography teachers in the final years of elementary school at the Colégio Municipal de Cravolândia from the perspective of students at the Instituto Federal Baiano. In this study, the methodological procedures has been as follows: a) discussion of texts throughout the Geography Course, especially in the component Internship – Freire (1997; 2021), Pimenta e Lima (2004), Rangel (2007) and Cavalcanti (2010) – as well as documents that characterize elementary education (Brazil, 1996) and internship (IF Baiano, 2017; 2023); b) collection of secondary data on education in Cravolândia from SEC-BA (2021) and CMC (2023); c) fieldwork based on tradition at the researched school. The stage as a space for research and extension highlights, based on shared experiences, some of the challenges identified in teaching practice.

¹Licencianda em Geografia pelo IF Baiano Campus Santa Inês. ORCID: 0009-0001-9420-2687. E-mail: michelysilva22@hotmail.com

² Licencianda em Geografia pelo IF Baiano Campus Santa Inês. ORCID: 0009-0002-1088-5351. E-mail: oadrielle360@gmail.com

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Professora do IF Baiano Campus Santa Inês. ORCID: 0000-0002-0150-6586. E-mail: aline.lima@ifbaiano.edu.br



Keywords: Supervised Internship. Geography. Experience. Challenges.

Resumen: La Práctica Supervisada en cursos de formación docente es un acto educativo caracterizado por la inmersión de los estudiantes de graduación en la concreción de las relaciones vividas en el cotidiano de la escuela con miras a complementar su aprendizaje. El presente trabajo tiene como objetivo relatar esta experiencia desde la perspectiva de los desafíos que viven los profesores de Geografía en los últimos años de la escuela primaria del Colégio Municipal de Cravolândia desde la mirada de las estudiantes de graduación del Instituto Federal Bahiano. Para la realización del estudio, los procedimientos metodológicos fueron los siguientes: a) discusión de textos problematizados a lo largo del Curso de Geografía, especialmente en el componente de Prácticas (Pasantía) – Freire (1997; 2021), Pimenta e Lima (2004), Rangel (2007) y Cavalcanti (2010) – bien como documentos que caracterizan la educación primaria (Brasil, 1996) y las prácticas (pasantía) (IF Baiano, 2017; 2023); b) recopilación de datos secundarios sobre educación en Cravolândia de SEC-BA (2021) y CMC (2023); c) trabajo de campo basado en la inmersión en la Escuela investigada. La pasantía, como espacio de investigación y extensión, resalta, a partir de experiencias compartidas, algunos de los desafíos identificados en la práctica docente, tales como: falta de acceso a recursos por parte de los docentes; extensa carga de trabajo; falta de apoyo a la ANEE; Disociación de la Geografía con la realidad.

Palabras clave: Prácticas supervisadas. Geografía. Experiencia. Desafíos.

Introdução

A geografia contribui no desenvolvimento da capacidade de observar, analisar e interpretar criticamente a realidade concreta a partir do espaço geográfico. Seu ensino deve possibilitar aos estudantes o desenvolvimento da percepção espacial das coisas e a compreensão da realidade, fruto das relações humanas com o meio. São vários os desafios do ensino da Geografia, sendo que os professores exercem um importante papel na medida em que sua prática pode motivar os alunos para o ato de observar, descrever e refletir sobre a espacialidade, bem como apoiar a construção de análises e explicações sobre o cotidiano a ponto de propiciar novas compreensões acerca do espaço (Sampaio *et al.*, 2016).

Costa (2016, p. 239) demonstra também os desafios do ensino de Geografia ao salientar que: “O professor de Geografia tem muitos desafios em sala de aula, e um deles está em entender a essência da sociedade capitalista de forma que possibilite ao seu aluno uma aprendizagem crítica, instrumentalizando-o para entender a sociedade em que está inserido [...]”.

Desse modo, tanto Costa (2016) quanto Sampaio *et al.* (2016) demonstram a importância do processo de formação dos professores para promover um ensino de qualidade, desenvolver uma competência crítico-reflexiva e construir uma identidade profissional autônoma. Ambas as obras destacam a importância do Estágio Supervisionado como um percurso fundamental nesse processo formativo.

O Estágio Supervisionado, portanto, torna-se uma etapa fundamental, pois proporciona aos futuros profissionais da educação, uma reflexão crítica sobre o ser professor e os desafios que serão encontrados, principalmente se essa experiência for

vivida no cotidiano de uma escola pública, espaço privilegiado seja por possibilitar o alinhamento entre as discussões teóricas e a prática do fazer docente seja por agregar sujeitos diversos.

Partindo desses pressupostos, cabe problematizar os desafios do ser professor. Um caminho para tal problematização é o ato educativo do estágio. O estágio é concebido como ato educativo no presente texto, pois envolve três autoras que se aproximam pelo Estágio. Este elo se organiza com duas autoras que são professoras em formação inicial e que assumem a condição de estagiárias; como tal, realizam o estágio de forma processual na medida em que observam e coparticipam para, em seguida, assumir a regência. A ligação se conforma com a terceira autora que se coloca como professora em formação continuada por assumir a orientação desse texto e por ser a professora do componente curricular Estágio Supervisionado e acompanhar as licenciandas na instituição formadora e no “chão” da escola básica.

Assim, concordamos com Martins (2009), quando este enfatiza, em seu relato sobre as vivências no mestrado em educação, que o professor não é mero aplicador de conteúdos, mas um agente que precisa assumir a sua prática a partir de suas experiências, um protagonista que possui conhecimentos e uma práxis advinda de sua atividade cotidiana, que deve favorecer a sua autonomia.

Com base no exposto, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de Estágio Supervisionado realizado no ensino fundamental/anos finais no Colégio Municipal de Cravolândia (CMC) por licenciandas do Curso de Geografia do Instituto Federal Baiano *Campus Santa Inês*. O presente relato trata-se de um estudo qualitativo, que pretende descrever as vivências das autoras na unidade concedente de estágio, bem como expor, através de suas reflexões, os desafios de ser professor de Geografia, além de trazer leituras e discussões de textos que abordam as bases teóricas para a questão estudada.

Nesses termos, o texto faz uma breve discussão sobre o Estágio Supervisionado no *Campus Santa Inês*, recorrendo tanto a normativas que versam sobre sua operacionalização quanto a textos que discutem o tema teoricamente para, na sequência, apresentar a unidade concedente do estágio. Por fim, as autoras apresentam alguns dos desafios do ser professor de Geografia na experiência vivida.

Breve discussão sobre o Estágio Supervisionado no IF Baiano

No Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) *Campus Santa Inês*, o Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Geografia, recorrendo as Diretrizes Curriculares Nacionais, aponta que “é condição imprescindível para o processo de formação de professores, a articulação teórico-prática consolidada por um embasamento sólido de saberes científicos e didáticos”. O Estágio permite tal articulação, pois possibilita o envolvimento dos professores em formação nas

“instituições públicas de educação básica” que são, portanto, “espaço privilegiado da prática docente” (IF Baiano, 2017, p. 65).

Com base no Regulamento de Estágio Supervisionado das Licenciaturas do IF Baiano *Campus Santa Inês*, o estágio curricular supervisionado é um ato educativo, podendo ser realizado em espaços formais/não formais e interdisciplinares, caracterizado pelas atividades de aprendizagem profissional, social, política e cultural, consolidado através da presença participativa do discente em situações e ambientes próprios da área do curso (IF Baiano, 2023).

Ainda segundo Regulamento, o Estágio das Licenciaturas tem como objetivo oportunizar a complementação da aprendizagem mediante a articulação da teoria e prática e propiciar o desenvolvimento de habilidades técnico-científicas que visam o aprimoramento da formação/atuação do futuro profissional, sem perder de vista a importância de analisar criticamente as condições observadas nos diversos espaços de realização do estágio (IF Baiano, 2023). No Curso de Licenciatura em Geografia do *Campus Santa Inês*, esses objetivos são executados a partir do quinto semestre quando os professores em formação iniciam a observação/coparticipação seguida da regência na educação básica (Quadro 1). As normas institucionais exigem, portanto, 400 horas dedicadas ao Estágio Supervisionado.

Quadro 1: Licenciatura em Geografia: estágio supervisionado

Disciplinas	Semestre	Ações obrigatórias	Ciclos de Aprendizagem	Carga Horária
Estágio Supervisionado I	5º	Observação e Coparticipação	Ensino Fundamental, anos finais	80 horas
Estágio Supervisionado II	6º	Regência	Ensino Fundamental, anos finais	120 horas
Estágio Supervisionado III	7º	Observação e Coparticipação	Ensino Médio	80 horas
Estágio Supervisionado IV	8º	Regência	Ensino Médio	120 horas

Fonte: IF Baiano (2017, p. 65-66). **Elaboração:** Michely da Silva Felix

As autoras do presente relato estão vivenciando a experiência do Estágio na etapa da educação básica destinada ao ensino fundamental anos finais, ou seja, destinada aos sujeitos que estão cursando entre o 6º e o 9º anos e que, em tese, têm entre 11 até 14 anos de idade. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o ensino fundamental é obrigatório e tem como objetivo a formação básica do cidadão. A concretização dessa formação básica requer, dentre outros, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade (Brasil, 1996).

Os aspectos elencados pela LDB, em seu Artigo 32º, no que se refere ao objetivo do ensino fundamental, estão em consonância com a ciência geográfica, considerado um dos campos do saber que se “dedica a compreender a espacialidade dos fenômenos, elegendo como categoria principal de análise o espaço geográfico, produto histórico e

social”, pois a espacialidade é “resultante e condição das práticas sociais” (Cavalcanti, 2010, p. 4).

Portanto, a formação básica do cidadão exige a compreensão sobre a espacialidade dos fenômenos mediante a problematização de conteúdos, como aqueles trabalhados em turmas de 7º ano, a saber: território brasileiro, com destaque para seu processo de expansão/integração territorial, a dinâmica e a diversidade de sua população, bem como a natureza cujos atributos permitem produção no campo e, a depender das relações de desigualdade, a expulsão dos povos para as cidades. Ou, ainda, em outra escala, a discussão de temáticas relacionadas ao mundo globalizado, população e economia em países da Ásia, Europa, Oceania e Oriente Médio, como feito com turmas de 9º anos (Trabalho de campo/Estágio I, 2023).

Segundo Rangel (2007), o Estágio Supervisionado divide-se em três fases: observação, coparticipação e regência. Essas fases, embora pensadas pela autora para o Estágio em Geografia na Universidade Estadual de Santa Cruz, não diferem do que vem sendo realizado no IF Baiano Santa Inês. Diante do exposto, as autoras do relato de experiência vivenciaram o Estágio em Geografia nas séries finais do ensino fundamental mediante a observação e a coparticipação entre março e agosto de 2023. Além disso, estão vivenciando o Estágio a partir da regência entre agosto de 2023 e fevereiro de 2024.

Com base em Rangel (2007), na fase de observação, o estagiário deve utilizar procedimentos de pesquisa para, criteriosamente, observar o trabalho do regente e aprender pela mediação deste. Ainda segundo a referida autora, cabe ao estagiário, imbuído do aporte teórico oportunizado pela instituição formadora (no caso, o IF Baiano), assumir uma postura reflexiva sobre a ação/pensamento do regente. Assim, a partir dessa fase, o licenciando terá condições de investigar e compreender a gestão e o funcionamento da escola e obter detalhes sobre a trajetória do regente, bem como identificar o perfil socioeconômico e cultural dos alunos. Na coparticipação, por sua vez, os futuros professores irão, conjuntamente com o professor regente, experimentar todos os elementos que compõem a prática docente, ajudando na confecção de materiais didáticos, pesquisas, elaboração de plano de aula, projetos etc.

Na regência, o estagiário assume a “disciplina da sua área de formação e aprenderá a ensinar por experiência própria” (Rangel, 2007 p. 193). Se concretiza, portanto, a relativa autonomia profissional, pois, se põe em prática o que foi observado em alinhamento com o exercício de planejar as aulas e executá-las.

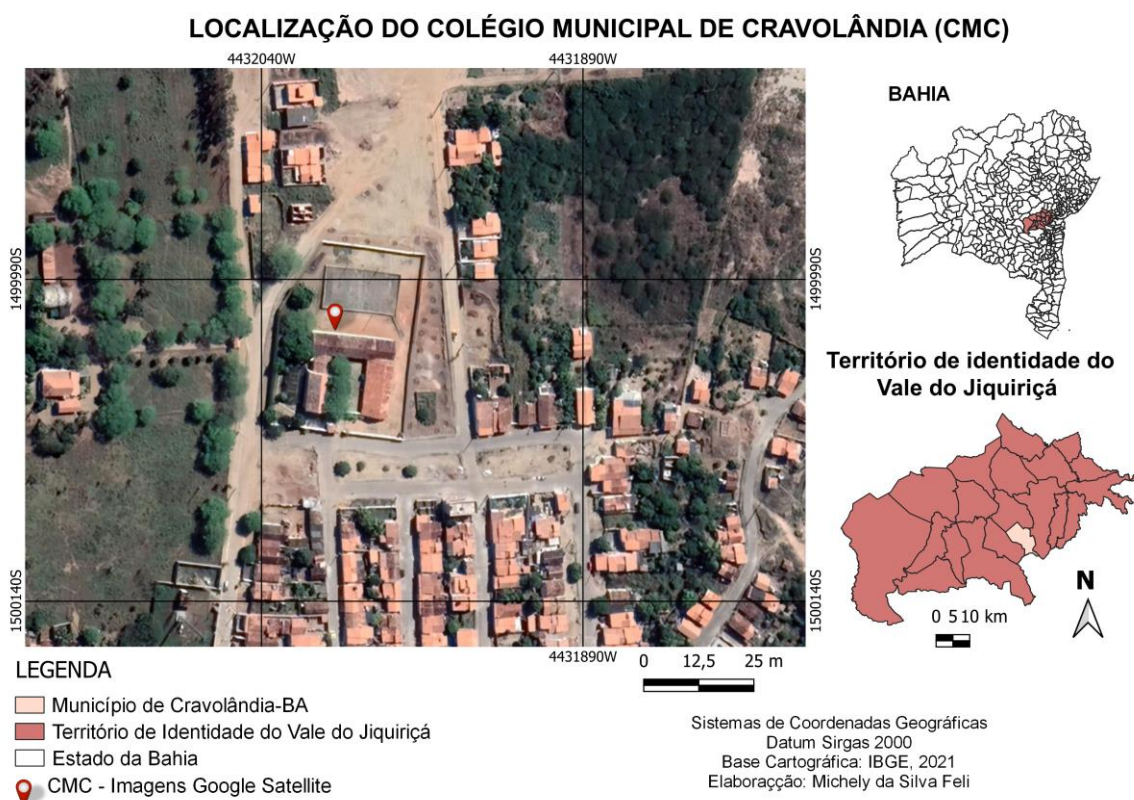
Diante disto, concordamos com Pimenta e Lima (2004), na medida em que as autoras demonstram a importância do Estágio devido à possibilidade prática que ele permite, além de dar suporte aos professores em formação pela possibilidade de aprender a profissão a partir da observação. As autoras abordam, também, sobre a perspectiva da imitação, reprodução e reelaboração dos modelos existentes e, na prática, consagrados como bons. Ou seja, aprender observando e elaborando seu próprio modo

de ser a partir da análise crítica. Dessa maneira, separamos aquilo que consideramos adequado, acrescentamos algo novo e adaptamos com base nas nossas experiências e nossos saberes pré-existentes, estando aberto a aprender e a ensinar.

Colégio Municipal de Cravolândia: caracterização e apresentação perfil dos estudantes

O Colégio Municipal de Cravolândia está situado no município baiano de Cravolândia, localizado no recorte espacial denominado Território Identidade do Vale do Jiquiriçá (Figura 1) que, por sua vez, abarca outros 19 municípios. Cravolândia possui uma população de 4.415 habitantes de acordo com Censo Populacional 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Figura 1: Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá: localização do município de Cravolândia.



Autora: Michely da Silva Felix

Cravolândia conta com 13 instituições de ensino formal, sendo 12 municipais e uma estadual (SEC, 2020). Entre as escolas municipais encontra-se o Colégio Municipal de Cravolândia (Figura 2). De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio, Ginásio Juracy Magalhães Júnior era o nome dado ao CMC, em homenagem ao ex-governador do Estado da Bahia e amigo de Mário Cravo, fundador e primeiro prefeito de Cravolândia. Inicialmente, o Ginásio funcionava em um prédio provisório. Em 1996, a escola passou a ter o nome de Colégio Municipal de Cravolândia e a funcionar em instalações próprias (CMC, 2023).

Figura 2: Colégio Municipal de Cravolândia



Autora: Michely da Silva Felix

O CMC é composto por sete salas de aula mal iluminadas e dois banheiros, sendo um para estudantes do sexo feminino e um para o masculino; além disso tem salas específicas para diretoria, secretaria e professores. Conta, também, com uma cozinha (cantina), uma sala de leitura, que atende de forma precária em todos os turnos, uma sala de projeção e quadra esportiva sem cobertura (CMC, 2023).

Em relação ao quadro de funcionários, a unidade de ensino conta com um total de 53 profissionais, assim distribuídos: 31 são professores que atuam no ensino fundamental anos finais (matutino e vespertino) e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) (noturno); nove trabalham como auxiliares de serviços gerais e fazem a limpeza da escola durante os três turnos de funcionamento; sete funcionários trabalham na parte administrativa exercendo as funções de agente administrativo, bibliotecário, digitador e secretário escolar; seis trabalham na cozinha nas funções de merendeira e auxiliar de merenda (CMC, 2023).

A identificação desses aspectos é fundamental, pois, como nos ensina Rangel (2007, p. 192), a “aula é o ápice de um processo abrangente, resultado de múltiplas determinações, cabe aos estagiários investigar algumas destas variações, como os aspectos físicos institucionais (...) administrativos, humanos e de apoio (...) e que repercutem na aula”.

No ano letivo 2023, o Colégio Municipal de Cravolândia contava com 313 matrículas (Tabela 1). O ensino fundamental ocupa o maior número de matrículas com quase 80% dos estudantes ao passo que a EJA atinge pouco mais de 20%.

Tabela 1: CMC: números de estudantes matriculados (2023).

Turmas	Matrículas	
	Quantidade	%
6º ano	60	19,2
7º ano	47	15,1
8º ano	73	23,3
9º ano	69	22

II – Eixo IV	26	8,3
II – Eixo V	38	12,1
TOTAL	313	

Fonte: Trabalho de campo/Estágio I (2023).

Elaboração: Genival Nascimento Ribeiro; Michely da Silva Felix.

Em 2023, a maior quantidade de estudantes está cursando o 8º ano seguido pelo 9º ano. Por outro lado, é preocupante observar que a terceira posição em número de matrículas é o 6º ano, pois representa os estudantes “novos”. Desde 2019, o número de matrículas no Colégio vem diminuindo (Quadro 2).

Quadro 2: CMC: estudantes matriculados (2019-2023)

Ano letivo	Número de matrículas
2019	357
2020	328
2021	327
2022	352
2023	313

Fonte: Trabalho de campo/Estágio I / SEC-BA (2023).

Elaboração: Michely da Silva Felix.

A apresentação desses números se trata de uma curiosidade ingênua caracterizada pelo senso comum, mas que pode transitar para uma “curiosidade epistemológica”, que se configura na busca incessante do conhecimento de forma metódica, salientado por Freire (2021). A partir observação da dinâmica da unidade escolar ao longo do ano letivo 2023 e, também, conhecendo a dinâmica socioespacial de Cravolândia, é possível inferir sobre prováveis razões para esse quadro: desdobramentos da pandemia, bem como migração dos cravolandenses.

O Estágio Supervisionado vivenciado pelas autoras ocorreu (Estágio I) e está ocorrendo (Estágio II) com as turmas de 7º e de 9º ano (Quadro 3 e 4). Inicialmente, a turma de 7º ano (Quadro 3) era formada por 13 estudantes, sendo 8 meninos (62%) e 5 meninas (38%). Mas, ao longo do ano letivo, dois foram transferidos, pois os pais precisaram migrar para conseguir trabalho no próprio Vale do Jiquiriçá (cidade de Santa Inês) e para capital (Salvador). Logo, a turma ficou com 11 estudantes, que estão na faixa etária entre 12 e 17 anos. Vale lembrar que a idade considerada ideal para cursar o 7º ano é 12 anos. Assim, é possível identificar quatro alunos com distorção idade-série. Além da migração para garantir a sobrevivência, da distorção entre a série e a idade, outro desafio é que dois estudantes são categorizados como Aluno com Necessidade Educacional Especial (ANEE).

Quadro 3: CMC: perfil do 7º ano – Identificação por códigos lógicos (2023)

Nº	Aluno	Idade	Gênero
1	AVS*	17 anos	Masculino
2	CCO	14 anos	Masculino
3	CAS*	15 anos	Feminino
4	CFJS – Transferido	-	Masculino
5	GCC	12 anos	Feminino
6	GSJ	12 anos	Masculino
7	IVFJ	12 anos	Feminino

8	LDS	12 anos	Feminino
9	LFSJ	14 anos	Masculino
10	MVSO	12 anos	Masculino
11	MVES	12 anos	Feminino
12	MSMA – Transferido	-	Masculino
13	TSM	12 anos	Masculino

*Aluno com Necessidade Educacional Especial

Fonte: Trabalho de campo/Estágio I (2023)

Elaboração: Genival Nascimento Ribeiro; Michely da Silva Felix.

A turma de 9º ano é formada por 16 estudantes, sendo 11 meninos (69%) e 5 meninas (31%). Os estudantes estão na faixa etária entre 14 e 15 anos. Vale lembrar que a idade considerada ideal para cursar o 9º ano é 14 anos. Logo, é possível concluir que os estudantes estão na idade considerada apropriada.

Quadro 4: CMC: perfil do 9º ano – Identificação por códigos lógicos (2023).

	Aluno	Idade	Gênero
1	ACS	14 anos	Feminino
2	ALGM	14 anos	Feminino
3	AABL	14 anos	Feminino
4	BSB	14 anos	Masculino
5	DVSPS	14 anos	Masculino
6	ESC	14 anos	Masculino
7	GSS	15 anos	Masculino
8	GBC	14 anos	Masculino
9	LCS	15 anos	Feminino
10	MCSS	14 anos	Feminino
11	PRSN	14 anos	Masculino
M	NBS	15 anos	Masculino
13	PVMB	14 anos	Masculino
14	RSF	14 anos	Masculino
15	WJS	14 anos	Masculino
16	YSS	14 anos	Masculino

Fonte: Trabalho de campo/Estágio I (2023)

Elaboração: Genival Nascimento Ribeiro; Michely da Silva Felix

A partir dos Quadros 3 e 4 pode-se observar que se trata de turmas pequenas, considerando a sala pode comportar uma capacidade maior de estudantes, segundo a gestão, de aproximadamente 30 alunos por sala.

No ano letivo 2023, esses alunos estudaram os assuntos definidos pelo livro didático adotado no Colégio, no caso a obra intitulada “Geografia: espaço e interação” da Editora FTD (Quadro 5).

Quadro 5: CMC: conteúdos trabalhados nas turmas do 7º e 9º ano (2023)

Turma	Conteúdos
7º ano	<ul style="list-style-type: none"> • Território Brasileiro • Expansão e Integração do Território • Dinâmicas da População Brasileira • População: diversidade e desigualdade • Dinâmicas da Natureza no Brasil • Campo: produção, terra e trabalho • Cidades: dinâmicas e desigualdades

	<ul style="list-style-type: none">• O Brasil em regiões
9º ano	<ul style="list-style-type: none">• A construção do mundo globalizado• Globalização: um mundo sem fronteiras• Europa: regionalização e natureza• Europa: população e economia• Ásia• Oriente Médio, Ásia setentrional e Ásia Central• Extremo Oriente, Ásia Meridional e Sudeste Asiático• Oceania

Fonte: Trabalho de campo/Estágio I (2023)

Elaboração: Michely da Silva Felix

Os conteúdos relacionados ao território e à população brasileira devem ser abordados de maneira que permita o aluno observar, analisar e interpretar criticamente a realidade concreta a partir do espaço geográfico transformado a partir das relações sociais de produção como salientado por Sampaio *et al.* (2016). Portanto, os conteúdos trabalhados no 7º ano, apesar de definidos não a partir da realidade, mas pela sequência do livro didático, permitiram dialogar com a vida dos estudantes a partir de aspectos que tocam o cotidiano. Podemos, citar, por exemplo, questões relacionadas ao (não) acesso à terra e os conflitos inerentes a tal processo, bem como a forma como a população é afetada pela pobreza, desigualdade e racismo, especialmente se considerar que o município onde vivem é marcado pela decadência na produção de café, o que contribui para uma reprodução social marcada por relações degradantes no mundo do trabalho no sisal ou na migração para situações análogas a escravidão como expõe as pesquisas de Livramento (2021) e Ribeiro (2021).

No 9º ano, os conteúdos foram trabalhados por meio da mediação de assuntos visando a divisão mundial por meio dos continentes europeu e asiático. Estes conteúdos eram percorridos objetivando os aspectos da globalização e da interação entre a população com as dinâmicas socioambientais e seus reflexos no modo de vida. Na questão da globalização, foram abordados aspectos econômicos e a diversidade nas inovações tecnológicas pelas quais alguns países se destacam como “desenvolvidos” e sobressaem aos considerados “subdesenvolvidos”.

O desafio do ser professor: reflexões desde o Estágio Supervisionado em Geografia

Tendo em vista que o Estágio Supervisionado se caracteriza numa oportunidade de vivenciar a realidade escolar por meio de experiências, é essencial que a partir destas, haja uma descrição do que foi vivenciado. Em face disso, as situações práticas vivenciadas nesse período são importantes para uma formação qualificada e de credibilidade na área de atuação.

De acordo com Jesus e Lima (2019), o Estágio Supervisionado é uma etapa essencial na formação dos futuros docentes, sendo essa fase é um momento em que os

licenciandos refletirão o exercício da prática a partir dos conhecimentos adquiridos na primeira metade do curso.

Ter o contato com a escola pública através do Estágio é uma ótima oportunidade para o estudante de licenciatura, pois é uma experiência de trocas mútuas, já que é possível desenvolver a efetiva articulação entre a teoria e a prática, além de proporcionar uma reflexão crítica sobre a docência e os desafios que são encontrados na profissão.

O Estágio é uma das etapas mais esperadas dos cursos de Licenciatura, é o momento que o estagiário traçará um perfil do professor regente, alunos e a estrutura da escola, a partir das suas observações (Sampaio *et.al* 2016). Diante destas percepções, são várias reflexões feitas durante o exercício do estágio.

Para Pimenta e Lima (2004) o estágio ser tomado por uma atitude investigativa, de questionamentos, para que se torne relevante na formação do professor. “O estágio como pesquisa envolve uma reflexão de intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (Pimenta e Lima, 2004, p.34). As autoras ainda salientam que inúmeras pesquisas sobre educação e formação docente têm sido produzidas, isto é importante, pois estudos críticos e analíticos permitem denunciar questões de cunho educativo, não se restringindo a um criticismo vazio.

Também, através dessa etapa, o licenciando amplia os horizontes da pesquisa, encarando a escola/educação com uma atitude investigativa, integrando-os em pesquisa e divulgação científica, por meio de uma “curiosidade epistemológica”. Segundo Paulo Freire:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, ‘desarmada’, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. (Freire, 2021, p. 39).

Portanto, podemos elencar a passagem dessa curiosidade epistemológica a partir exercício do Estágio, à medida que vamos aperfeiçoando e modelando nossas curiosidades observadas de forma metódica, entre elas o desafio do ser professor.

Dessa forma, é possível estabelecer que o exercício do ensinar não se configura em apenas um ato comum e tradicional de se adquirir conhecimento, mas sim, de uma busca pelo aperfeiçoamento profissional, de modo que, se use a curiosidade de sempre saber mais e fazer ciência de acordo com a episteme. O ato de pesquisar torna-se um instrumento de renovação neste exercício de prática docente, também para que o professor possa se reestruturar a realidade social no mundo. De acordo com Paulo Freire:

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o

professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. (Freire, 2021, p. 39-40).

A docência deve ser entendida para além da ministração de aulas, já que o exercício se tornou cada vez mais complexo no mundo contemporâneo, pois emergem situações relacionadas às condições de trabalhos e necessidades sociais específicas que surgem na escola (Vieira, 2019).

A atual política educacional exige do professor eficiência nos resultados de indicadores avaliativos. No entanto, se esses indicadores apresentarem maus resultados, é atribuído a precariedade do trabalho do professor, sendo que, o Estado não oferece melhores condições de trabalho, o que desvaloriza a formação docente, com muitas exigências e poucas condições. (Cavalcanti 2010).

Muitas vezes o professor não tem acesso nem aos recursos básicos para preparar sua aula. A realidade de muitas escolas públicas é cruel, pois não existem recursos materiais que colaborem para que se realize um trabalho mais satisfatório (Silva e Saraiva, 2020). O que implica a utilização exclusiva do livro didático e da lousa. Esse “modelo” livro e giz (modernamente substituído por pincel atômico, quando disponíveis) não faz surgir nos alunos a curiosidade e criticidade. Partindo deste pressuposto:

Independentemente da perspectiva geográfica, a maneira mais comum de ensinar geografia tem sido por meio do discurso do professor ou do livro didático. Este discurso sempre parte de alguma noção ou conceito chave e versa sobre algum fenômeno social, cultural ou natural, descrito e explicado de forma descontextualizada do lugar em que se encontra inserido [...] (Brasil, 1998, p. 29-30 *apud* Almeida p. 251, 2016).

Neste contexto, é necessário que a geografia vá para além do ato tradicional de apenas reproduzir os conteúdos e se abasteça de formas de mediação que incitem os alunos a vivenciarem as dinâmicas de interação no espaço em que se vive.

Na realidade atual, especialmente no contexto pós-pandemia da Covid-19, os professores de Geografia demonstram dificuldades para motivar os alunos nas aulas, devido à falta de estímulos que os façam ir além dos conteúdos teóricos expostos. (Cavalcanti, 2010). Assim, o Estágio, bem como programas de formação de professores – como o Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid) e o Programa Residência Pedagógica –, permitem uma interação entre professores em formação (estagiários) e professores em formação continuada (regentes e professores de estágio dos cursos de licenciatura) que oxigenam o “chão” da escola.

Soczek (2014) ajuda neste quesito ao apresentar como recursos imagéticos, tais como fotos, charges e cartuns, podem ser usadas nas aulas de Geografia, especialmente para trabalhar o conteúdo da globalização. Esses recursos favorecem o ensino-aprendizagem e podem ser considerados como uma alternativa para entusiasmar e motivar os alunos a participar das aulas e despertar o senso crítico, especialmente se

sugestões como essas são trazidas pelos próprios estagiários em seus processos de qualificação do estágio como campo de pesquisa.

Esses recursos imagéticos foram utilizados como suporte pedagógico nas aulas sobre dinâmica da população brasileira e suas diversidades e desigualdades (7º ano), assim como ao se discutir a organização do espaço mundial (9º ano). Com a utilização de charges, o objetivo era “atrair” os alunos e provocá-los a refletir sobre situações reais de maneira crítica e humorística. Os estudantes interpretavam determinadas charges e tentavam elencar com os assuntos debatidos. Os debates com esses recursos aproximam mais o alunado a “entender a essência da sociedade capitalista”, salientado por Costa (2016, p. 239). Compreender a sociedade onde está inserido e os diversos desafios enfrentados pela grande parte da população brasileira faz com que esses estudantes possam pensar um pouco sobre seu lugar social e quem são no mundo, incita-os a entender que compõem as frações das classes populares e não a do seletivo grupo que detém o capital. Essa problematização foi feita, por exemplo, ao se apresentar imagens de comunidades tradicionais existentes no Vale do Jiquiriçá provocando-os a pensar sobre a resistência desses coletivos que estão espacialmente próximos.

Também foram utilizados mapas que visavam a melhor explicação de localização territorial e aspectos naturais dos continentes com o propósito de dinamizar as aulas e despertar a capacidade de interpretação dos alunos. As imagens têm o intuito de provocar a curiosidade dos alunos e chamar a atenção dos mesmos. Nesta perspectiva, a geografia mediada neste período de Estágio visava a interação dos estudantes com os conteúdos provocando-os a participar, de forma que, as imagens e os mapas trazem a sensação de novidade e eles acabam associando o conceito de um conteúdo.

No entanto, o Estágio I permitiu observar que nem sempre os professores fazem usos de procedimentos que extrapolem o uso do livro/giz. Mas, sobre isto, vale ressaltar a carga horária extensa dos professores das redes públicas de ensino, que, na maioria das vezes, dividem-se em escolas de localidades diferentes, situação que coloca como um empecilho ao trabalho docente. Ou seja, não dá pra perder de vista as condições (ou sua falta) de trabalho (Cavalcanti, 2010).

Há situações em que para cumprir a carga horária exigida, o professor acaba ministrando disciplinas que não são de sua área de formação o que acaba reforçando o modelo livro/giz. Assim, as aulas costumam ser: leitura de trechos do livro de modo acrítico e reprodutivo; explicação dos conteúdos do livro como se fossem verdades inquestionáveis; passar atividades do livro e registrar com o “visto”; realizar avaliações com o objetivo predominante de memorização e seguindo o livro.

Apesar de, na maioria das aulas, o professor ficar restrito ao livro didático, surgem situações em que ele consegue correlacionar os conteúdos com a realidade dos estudantes. Também se observou que os regentes, na qualidade de “Humildade”, respeitam que ninguém sabe de tudo, que todos sabem de algo e todos ignoramos algo.

A humildade exige respeito a nós mesmo e aos outros. O professor deve estar aberto a aprender e ensinar (Freire, 1997). A partir dessas situações observa-se que o professor pode incitar nos alunos um conhecimento crítico, se inserido como sujeitos pensantes, criadores e investigadores. Superando os limites impostos, entre os quais se destaca a condição de trabalho e de formação.

Outra questão a ser refletida são os Alunos com Necessidades Educacionais Especial, que muitas vezes se tornam um desafio para os professores que se encontram impossibilitados de oferecer uma educação de qualidade para estes, pois não há uma rede de apoio para incluir estes alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Durante o Estágio, surgiram várias questões relacionadas a educação destes alunos com necessidades específicas, como: Por que eles não se comunicam? Será que eles estão entendendo? Quais materiais levar para eles? Como preparar aulas para que eles participem?

Estas questões fazem o professor se sentir insuficiente e impotente, levando-os a repensarem sobre suas práticas de educação, porque mesmo tentando ensinar, parece que eles não estão aprendendo. Sem contar com o fato desses alunos serem ignorados pelos demais colegas, o que “alimenta” ainda mais a timidez e a exclusão tornando-os ainda mais reclusos. A falta de um apoio para com os alunos com necessidades educacionais e com o professor, faz com que o processo de ensino-aprendizagem não ocorra satisfatoriamente. Nessa linha, Guimarães (2012) *apud* Silva e Saraiva (2020, p. 430) destaca alguns desafios do ser professor:

O aumento das exigências que são feitas sobre o professor, dentre elas, além do contexto de dentro da sala de aula, os problemas trazidos pelos alunos, as questões psicológicas deles, os problemas familiares sentidos dentro da sala de aula, a falta de integração da escola com a comunidade, todas elas cobradas, mas que geralmente não vêm acompanhadas de melhorias de condições de trabalho.

Outro fator que contribui nas dificuldades do exercício profissional do professor é a infraestrutura das escolas. A partir do Estágio Supervisionado, foi observado a falta de uma sala de informática no Colégio. A existência de tal ambiente, com certeza, contribuiria no ensino-aprendizagem se utilizada como fonte de pesquisa e investigação no processo de intercâmbio de conhecimentos (Marques; Caetano, 2002). A utilização da tecnologia seria uma possibilidade que viria a acrescentar no processo de ensino do professor, de forma que auxiliasse com o livro didático na intermediação dos conteúdos. A falta de recursos como este, mostra a realidade do cotidiano de uma escola pública, fazendo que o professor possa ficar limitado.

Portanto, espaço escolar, muitas vezes, impõe ao professor um trabalho em ritmo acelerado, fragmentado, sem reflexão, sem integração entre os docentes, o que dificulta a experiência da inovação, mas certamente não a impossibilita. Compreende-se então ao Estado, que o seu compromisso mais direto é com esse espaço e que é nele que devem-se investir seus esforços de transformações. (Cavalcanti, 2010).

Considerações Finais

Nesse percurso de acúmulos de experiências e obtenção de conhecimentos, notamos que há inúmeras dificuldades por parte do ser docente em âmbito escolar. Durante o processo de Estágio, foi possível refletir sobre os diversos desafios que são encontrados na profissão docente.

O Estágio proporcionou um momento de reflexão, trocas mútuas de conhecimentos, de convivências com as singularidades, de ser encarado como uma atitude investigativa, de questionamentos, tornando-se extremamente importante na formação do professor.

O Estágio Supervisionado possibilita uma promoção de um ensino de qualidade, pois a partir do momento que o licenciado se insere no cotidiano da escola pública, ele elabora sua própria identidade de maneira autônoma e de acordo com a sua análise crítica-reflexiva, que posteriormente refletirá em sua vida profissional como nos ensinam Pimenta e Lima (2004). Dessa forma, ultrapassando os métodos tradicionais, elaborando seu próprio modo de ser na perspectiva da análise crítica, acrescentamos algo novo e adaptamos com base nas nossas experiências e nossos saberes pré-existentes, estando aberto a aprender e a ensinar.

Ter a capacidade de lutar por uma educação de qualidade é algo essencial de um professor, ainda mais em situações que foram vivenciadas. São diversas as situações que o professor se encontra de “mãos atadas”. No entanto, o exercício dessa profissão exige uma qualidade indispensável para o desempenho de professores progressistas. Trata-se daquilo que Freire (1997) chama de “amorosidade”, não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar, um “Amor Amado” para lutar contra as injustiças, contra o descaso do poder público, expresso nos baixos salários, falta de materiais, falta de uma infraestrutura de qualidade, falta de políticas de inclusão etc. O “Amor armado” está presente nas manifestações de protesto contra essas injustiças. Está no ato de lutar pelo direito de lutar. A utopia por uma profissão que seja respeitada é o que nos dar ânimo de continuar com esse amor brigão.

Referências

ALMEIDA, Jacqueline Praxedes. Estágio Supervisionado e a Formação do Professor de Geografia: a pedagogia de projetos como ferramenta para um fazer pedagógico ativo e significativo na educação básica. In: PORTUGAL, Jussara Fraga et al., (org.). **Geografia na Sala de aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p. 251-263.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27.839.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais I Seminário Nacional: Currículo em Movimento**. Belo Horizonte-MG, 2010, p. 1-16

COSTA, Glauber Barros Alves. Estágio e Pesquisa: a escola como *locus* do licenciando em Geografia. In: COSTA, Glauber Barros Alves. **Geografia na Sala de aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p. 239-249

CMC. **Projeto Político Pedagógico Colégio Municipal de Cravolândia**. Cravolândia-BA: CMC, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

IF BAIANO. **Regulamento do Estágio Supervisionado das Licenciaturas do IF Baiano - Campus Santa Inês**: Santa Inês: SETEC/MEC, 2023. (Aprovado pela Portaria nº. 76 de 18/08/2023).

IF BAIANO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia**. Santa Inês: SETEC/MEC, 2017.

JESUS, Aila Cristina Costa de; LIMA, Aline dos Santos. Reflexões sobre o Estágio Supervisionado em Geografia no IF Baiano Campus Santa Inês: caracterização dos professores em formação, professores regentes e escolas parceiras. **Revista Situação Geográfica**, Salvador, vol. 02, p. 73-90, 2019.

LIVRAMENTO, Ancelmo Ribeiro do. **Trabalho análogo ao escravo: reflexões a partir de Cravolândia-BA**. Santa Inês-BA: IF Baiano, 2021. (Graduação Licenciatura em Geografia).

MARTINS, Elcimar Simão. Formação de professores: as vivências de um mestrando em educação brasileira. In: SANTOS, Francisco Kennedy Silva dos. **Reflexões na docência: o professor e as boas práticas**. Fortaleza: SEDUC, 2009. p. 13-19.

MARQUES, Adriana Cavalcanti; CAETANO, Josineide da Silva. Utilização da informática na escola. In: MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 131-168.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In: PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicas). p. 33-57.

RANGEL, Maria Cristina. Estágio Supervisionado obrigatório na Licenciatura em Geografia: uma proposta de operacionalização. In: TRINDADE, Gilmar Alves. CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira (org). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus-BA: Editora da UESC, 2007. p. 179-202.

RIBEIRO, Genival do Nascimento. **Espacialização da cadeia produtiva do sisal no município de Cravolândia-BA**. Santa Inês-BA: IF Baiano, 2021. (Graduação Licenciatura em Geografia).

SEC-BA. **Censo escolar governo do estado da Bahia 2020**. Salvador: MEC; InepDIE; SGINF, 2021. Disponível em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoicjZjM3NzJjNjYtZWZhMy00NjY3LWlyMTctZDEzMmU2MDQzMGE4liwidCI6IjRjZDgzNWY0LTU0NDAtNDA4Zio5M2EzLTk3NWZjMTdjMzgoYSIsImMiOiR9>. Acesso em: 10 de jun. 2022.

SILVA, Fábria Janaína Marciel da; SARAIVA, Aldenir de Araujo. Ser Professor: Entre Desafios e Possibilidades de Atuação. **ID on line. Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 14, n. 49, p. 427-435, 2020.

SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira *et al.* O Estágio Supervisionado em Geografia: Vivências em sala de aula. *In*: SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira. **Geografia na Sala de aula: linguagens, conceitos e temas**. Curitiba: CRV, 2016. p, 201-213.

SOCZEK, José Silvestre Alves. **Recursos imagéticos no Ensino de Geografia**: trabalhando o conteúdo da globalização com o auxílio de fotos, charges e cartuns. Prudentópolis-PR: SEC-PR, 2014. (Material Didático - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE Produções Didático-Pedagógicas). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_geo_pdp_jose_silvestre_alves_soczek.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023. p. 5-14.

VIEIRA, Alexia Júlia Lima. **Os desafios da profissão docente vivenciados por professores/as com diferentes tempos de carreira**. João Pessoa: UFPB, 2019. (Monografia Licenciatura em Pedagogia).

Recebido: 30.09.2023

Aprovado: 04.12.2023

Publicado: 27.05.2024